

# Para a Revolução!

A proposito das inconcebíveis violencias que o governo actual ~~voua~~ ~~permissão~~ sejam feitas no Barreiro, impeditivas da realização das eleições administrativas, Mayer Garção escreveu na *Capital*, um artigo, justo aviso, prudente aviso, aos republicanos atirados por tais violencias que o mesmo é dizer que a todos os republicanos porque, só quem o não for, não sentirá tais vergonhas e tais atropelos.

O governo do sr. Antonio Maria da Silva, com estes processos, com o roubo das eleições por todo o país, com as perseguições surdas mas constantes, procura, num plano tenebroso construído nas maquinações torvas do seu cerebro de megalomano perigoso, lançar a Esquerda Democratica para o caminho revolucionario.

E procura consegui lo, fiado no sufocar facil de qualquer ~~tentativa~~ ~~revolucionaria~~ perante a descrença e cansaços populares.

Assim, conseguiria ver realizados dois sonhos: aniquilar ~~uma~~ ~~força~~ ~~política~~ ~~viva~~ e auxiliar inimigos pessoais que teme.

Mayer Garção grita que não nos devemos lançar para tal ~~caminho~~. O velho jornalista republicano avisa que, trilhando-o, faremos o jogo do inimigo.

Tem razão, mas só em parte.

\*

Não é em vão, não é como uma flor de retorica ou facil motivo de propaganda, que vimos afirmando que a situação dos republicanos perante a plutocracia e a reacção é, neste momento, identica á do tempo da propaganda.

Os republicanos que propagam a integridade dos principios defendidos outrora pelos comicios e pelas conferências, são acoimados de desordeiros.

Os homens que erguem alto o programa republicano de 81, surgem nos órgãos da plutocracia e em certa imprensa republicana, como bolchevistas, inimigos da sociedade.

Menos se não chamava alguns anos, poucos, antes de 1910, aos homens que, lado a lado com Elias Garcia e Manuel d'Arriaga, andavam pregando o surgir de uma nova e redentora era na vida da nação.

Chamavam-lhes inimigos da sociedade, desviavam-se deles.

Então, como agora, vozes apareceram a gritar contra as revoluções, contra as aventuras e, contudo, a revolução, tentada e gorada varias vezes, surgiu victoriosa duma — porque o não dizer? — audaz e bela aventura que outra cousa não foi o 5 de Outubro.

\*

Sim. Nós dizemos como Mayer Garção: o governo Antonio Maria da Silva quer lançar-nos para o trilho ilegal da violencia contando aniquilar as esquerdas republicanas com o auxilio, na verdade, formidavel do cansaço popular.

Mas gritamos alto, porque assim o sentimos e pensamos, que não devemos hesitar.

Estava a Nação, em todas as suas forças de energia moral e material, decadente com os Braganças?

Estava. Mas não o está menos, antes—ai de nós—o está mais agora, sob o imperio dos bonzos que mais ajudaram, do que impediram, a onda avassaladora e desastrosa das ruinas consequentes da grande guerra.

Quando imperava o Bragança, antes do 5 de Outubro, o Partido Republicano afirmava-se partido de ordem e de governo mas preparava-se, simultaneamente, para dar o golpe, chegado o momento a que poderemos chamar de *saturação* nacional.

O Partido Republicano organisava-se politicamente mas não abandonava a organização revolucionaria como uma necessidade, como uma imperiosa exigencia de Salvação da Patria.

O mesmo devem fazer as esquerdas. Não é o sr. Silva que nos empurra, a nós republicanos esquerdistas, para o caminho da violencia. E' pequeno de mais para orientar fenomenos que só os acontecimentos da vida social podem gerar.

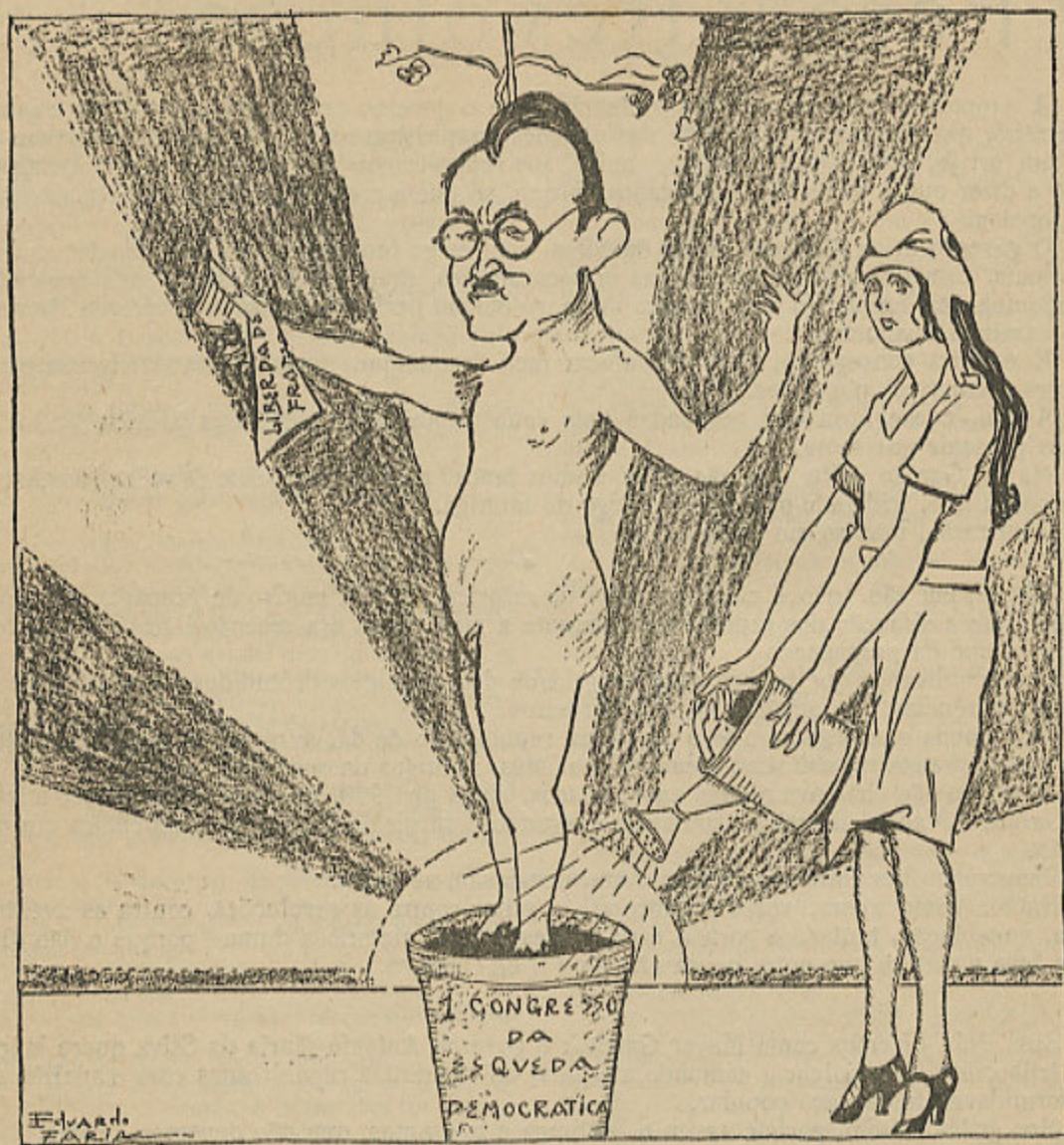
Quem nos empurra para a *Revolução* é o perigo em que está a Patria ameaçada por nacionais e estrangeiros! Quem nos levará á revolta são os erros e os crimes formidaveis de uma fraudagem ladravaz que põe em risco a Republica!

Para a *Revolução* devemos ir. Para a Revolução organizada, preparada e acompanhada pela voz da Nação enojada por tanto crime, por tanto roubo e por tanto latrocínio!



# O 1.º Congresso da Esquerda Democratica

Visto pelo caricaturista EDUARDO FARIA



«A mais bela realização do espirito liberal e progressivo em que a Republica põe as suas maiores esperanças...»

## O regresso á propaganda

A Esquerda Democratica, se outros serviços não tivesse já prestado á Republica, um ha, que avulta aos olhos de todos os republicanos:—é o da propaganda que por esse país vem realisando.

Da Republica já ninguém ouvia falar, dos politicos ninguém sabia, os interesses da Nação estavam esquecidos, o País vivia numa apatia e indiferentismo que esmagavam as instituições, o cacique florescia e desenvolvia se a largos passos.

A Esquerda Democratica, pelos seus homens mais representativos, tem interessado o povo pela administração publica, pelos politicos, pelas instituições.

Tendo-se á sua volta feito uma feroz propaganda, deturpando as suas palavras e as suas intenções, são por toda a parte aguardados com ansiedade e nas terras por onde passam, o povo, sempre justo, ouve-os com respeito e dispensa-lhes os seus aplausos e á Republica.

Regressa-se assim, pelas vozes dos caudilhos da Esquerda Democratica, aos saudosos tempos da propaganda indo-se até junto do povo auscultar as suas aspirações. e ao encontro dos seus desejos.

A proposito, lembra-nos perguntar ao partido democratico, quando é que os seus magnates veem até á praça publica dizer ao povo o que é que pensam,— se é que pensam,—acerca dos varios problemas que interessam á vida nacional, que não mora na Agua da Flor?



# Carta a um financeiro conhecido

## a propósito de coisas que não deve desconhecer

Meu caro senhor

Nunca esta expressão banal, fórmula (corriqueira de carta cerimoniosa, foi empregada com tanta propriedade. Desde que a plutocracia reina é V. verdadeiramente o senhor, o dono disto, o que põe e dispõe. Caro é justo também chamá-lo, pois V. além da glória de mandar, do prazer doentio de oprimir a ocultas, ganha mais numa hora de intriga do que qualquer operário manual ou intelectual, num ano de canceiras.

Nesta republica, parece que foi feita de encomenda para V. e os da sua laia medrarem, todo o poder se congrega e resume na Alta Banca. Ela é a expressão máxima do Estado e é, por cruel ironia—o simbolo da Nação. Os ministros, as maiorias parlamentares, o alto funcionalismo, a força armada e a própria grande imprensa são o cenário, a comparsaria—a Finança só é a protagonista da grande tragédia social.

Os politicos são títeres, que os banqueiros movimentam a seu talante. Se esboçam uma desobediência, são aliçados, votados mesmo ao ostracismo. O Povo julga os senhores e detesta-os, quando elles afinal são só escravos da Alta Banca, a quem os prende a sua vaidade e a sua avidez.

V., por exemplo, «caro senhor», no seu gabinete da direcção do Banco, faz e desfaz ministérios nomeia e depõe Altos Comissários e Governadores coloniais, aumenta ou restringe a circulação fiduciaria, provoca a alta ou a baixa das cotações—muda a seu bel-prazer a face das coisas, retarda ou precipita os acontecimentos, desencadeia a Guerra ou afirma a paz.

V. tem mais poderes do que um rei absoluto, mais autoridade do que um ditador. Domina corpos e almas, ora pela violencia, ora pela corrupção.

A judiaria internacional da Alta-Banca é que governa o Mundo, e V. é um dos membros desse Supremo Conselho secreto, que dispõe da nossa vida, do nosso suor, da nossa tranquillidade e a um acesso de quem os exercitos formam em batalha ou a policia espingardeia o povo nas ruas.

A finança toda poderosa, força oculta e sinistra, monstro de mil cabeças, que se oculta, retrai e apaga, expondo o politico ás revoltas da multidão, aos sarcasmos dos homens livres, não é monarchica nem republicana, nacional ou estrangeira, religiosa ou atéa porque não tem crenças, patria, ou convicções. Tem só a sua ambi-

ção. Tem só a sua ansia de predominio. Tem só o seu ódio infinito por quem se revolta.

\* \* \*

O inimigo já não é o clericalismo dos bons tempos românticos. Já não é sequer o politico corrupto dos dias de hoje. O inimigo é só a Finança. Ela se serve do padre para morfizar, para incutir ideias de resignação ao povo, e do politico para agredir, sugar e expoliar o mesmo povo. A Alta-Banca se devem todos os malefícios que nos afligem, desde a vida cara e as vergonhas de fronteiras adentro até dos vexames internacionais e a cubiça que paira sobre a nossa terra. Ela é o inimigo declarado, o que não dá tréguas nem quartel, o que está sempre atento para nos roubar trabalho ou vida, honra e tranquillidade.

Tratemo-la, portanto, como inimigo, mas como inimigo desleal.

Há um instinto superior a todos os outros—é o da própria conservação. Em nome desse instinto temos de actuar. Para nos salvar a nós? Sim; mas também para salvar o futuro dos nossos filhos, que é indigno entregar acorrentados em holocausto á finança soberana.

Fizemos baquear a realza dos monarcas, mas isso não bastou. E' preciso abater a realza dos plutocratas. Para o conseguir é mister uma revolução? Vamos para a revolução!

Tudo no Universo se consegue por revoluções. Desde a planta que germina e rompe violentamente a semente que a encerra em embrião e a terra que a cobre, até vicejar, florir e frutificar em beleza e abundancia; desde a nebulosa que se rompe, num abalo cósmico, para dar individualidade e vida própria a um mundo novo, tudo no Universo se faz por choques, por combates, por dôres.

Para nos libertarmos da opressão financeira temos que acender o archote da revolta. Temos de ir para a barricada. Haverá luta, violencias, sofrimentos e sangue? Sem duvida.

O parto das grandes cousas, dos altos principios da liberdade e da dignidade humanas, não foge, nunca fugiu, ás leis imutaveis da natureza.

E se um homem, que é uma coisa infima, um grão de poeira, para nascer, para ter vida, só o consegue pela violencia, pelo sofrimento, pelo sangue, como conceber que a vida colectiva na sua amplitude, na sua liberdade, surja, novamente, sem um grito, sem um choque, sem uma dôr?!



# A VISO PRÉVIO

O congresso geral da Esquerda Republicana tem de ser, para que se imponha á consciencia da grande massa republicana, uma assembleia de gente honesta em que se debatam principios, abertamente democraticos.

Vai longe o tempo em que o povo republicano, confiando plenamente nos seus dirigentes, aceitava de olhos vendados todas as indicações e aguardava com serenidade e com fé o advento da Republica. Ela veio, e o povo alarmado assistiu ao espectáculo degradante do abandono das posições tomadas por parte daqueles que maiores responsabilidades tinham e mais categoricas afirmações haviam feito no tempo glorioso da propaganda.

Em face desta attitude, a grande massa republicana começou a descrer da sinceridade d'esses dirigentes e a retrain-se na defesa do regime. Preciso se torna chama-la ao bom combate, incutindo-lhe a fé ardente de outróra, despertando-lhe as energias adormecidas, interessando-a de novo na vida da nação.

Isso, porém, só se conseguirá no dia em que alguém lhe falar claro, como se falava dantes, sem frases dubias, mostrando-lhe nitidamente o que se quer e o que se pensa.

E' nessa orientação que eu julgo que o Congresso Geral da Esquerda Democratica tem de ser, sobretudo, uma assembleia de gente honesta, dizendo-se franca e lealmente qual o caminho a seguir na solução dos grandes problemas na-

cionais, de modo a todos nós sabermos o que cada um pensa sobre eles.

Os congressos dos outros partidos, ultimamente realizados, tem pecado pelos numerosos discursos feitos, pelos milhares de palavras inuteis proferidas em sessões consecutivas. Não pode o Congresso da Esquerda Democratica seguir o mesmo rumo e obedecer a identicas determinantes.

Precisamos de definir principios e de demonstrar que não somos como os outros, que não vimos para a lucta no proposito de intrujar ninguém. Que aqueles que nos sigam saibam desde a primeira hora porque o fazem, a nenhuma cabendo duvidas sobre a obra que a Esquerda Democratica se propõe realizar.

Estão os nossos dirigentes no proposito de proceder assim? Ou haverá na Esquerda Democratica quem não pense como nós e julgue que a massa republicana pode continuar a iludir-se como até aqui, a viver de mentiras?

A vér vamos. Na certeza de que mais do que nunca é necessario falar claro, para que nos acreditem e venham para o nosso lado. Chegou o momento de se saber quem é pela Republica ou contra ela. A Esquerda Democratica vai rasgar novos horisontes a dentro da politica republicana. Que todos aqueles que tomarem parte nessa assembleia ponham os olhos na Patria e por ela e para ela trabalhem afincadamente.

MARIO SALGUEIRO.

Se o que está, está bem—aquietemo-nos. Se não, revoltemo-nos!

Nós, os que amamos a liberdade e temos a repugnancia intelectual da violencia não temos o direito de com o nosso sentimentalismo, contribuir para que uma sociedade inteira, para que a geração de hoje e as gerações que hão de vir permaneçam na escravidão.

Conte V. «caro senhor» com a indignação do «cégo» no dia em que recuperar a vista e se encontre crucificado entre os ladrões da Finança. N'esse dia, o «cão» terá cumprido o que deve á sua consciencia livre. Não ladrará mais, porque outras vozes mais retumbantes soarão.

## O CÃO DO CECO

Mesmo nos países atrasados,—e Portugal bem atrasado se encontra,—a opinião publica é uma força de tal maneira dominadora que, por mais que a desprezem, ela sempre consegue impor-se, e, ás vezes, por anos de esquecimento, tem minutos de tão ruidoso desforço que bem se fica conhecendo o seu formidavel valor.

Antonio José d'Almeida.

## Valiosas adesões aos bonzos

O papel da Agua Flôr, publicou ha dia uma nota de adesões ao gremio *bonzio* entre as quais, algumas ha a que não queremos deixar de fazer referencias— são de Alcarcer do Sal.

Ora segundo a gazeta, aderiram os srs. Miguel Augusto Roupa; José da Fouseca Rato; Jorge de Cara Alegre; José Antonio Caco; e Francisco Miguel Bacalhau.

Ninguém poderá contestar o valimento destas adesões. Assim, o Roupa cobrirá o partido democratico, tão despedido anda de ... principios.

O sr. Rato é que nos parece que não terá lá muito que ver, visto que, de roedôres está o Gremio cheio, e de qualidade de não cançarem, mesmo quando chegam á idade do Pereira Gil, com o qual se terá de acautelar o sr. Bacalhau, porque ele nestas coisas de comer não hesita, tudo lhe serve.

Quanto ao sr. Jorge de Cara Alegre, julgamos que em breve terá de mudar de nome, pois apesar de agora todos terem essa cara, supomos que não será por muito tempo. Temos fortes razões para acreditar que a *regie* não passará. Resta o sr. Caco. Este é que é um achado para o partido e muito especialmente para o sr. da Silva, porque, até que enfim, achou o que nunca tinha possuido. Valiosas adesões.



## O DESFIAR DA TEIA

Os homens do cambão Sotto Mayor  
e Moagem

Onde eles mandam e as forças  
que lhes estão nas mãos

O sr. Ruy Urich, só por si, é um... poema!

Vamos continuando sem grande prosa mas com factos e dados que ninguém pode contestar, na tarefa fácil de trazer até ao Povo, ignorante da *Alta Venda* orientadora da temível organização do *Negocio*, os misterios da teia que o envolve e sufoca.

Publicamos, no nosso ultimo numero, os graficos representativos dos *cambões* Moagem e Sotto Mayor.

Como o grafico dos tabacos, estes causaram succoso nos nossos leitores e espanto nos atingidos.

Eles sabem bem que só temos dito verdades. Nem uma palavra de ofensa. Só factos, só realidade—a tremenda e eloquente verdade!

Vamos hoje desfiar duas pequenas meadas. A gente de Sotto Mayor e a gente da Moagem vão surgir aos olhos dos leitores.

Atentem bem, sigam-lhes com atenção os futuros passos, repararem no que quorem ou podem crêr e fixem os movimentos paralelos de certos politicos.

Terão assim *tudo* explicado!

O grafico do grupo *Sotto Mayor* foi publicado com algumas deficiencias, tendo nós a acrescentar, ás sociedades nele referidas, mais as seguintes: *C.<sup>a</sup> Agricola Ribeira Palma*, *C.<sup>a</sup> Colonial do Buzi*, *C.<sup>a</sup> Comercial e do Fomento Agricola*, *C.<sup>a</sup> de Seguros Sagres*, *C.<sup>a</sup> de Moagem Lisbonense*, *C.<sup>a</sup> Portuguesa de Admistrações*, *C.<sup>a</sup> da Roça Guayaquil* e *C.<sup>a</sup> das Roças Plateau e Milagrosa*, fóra outras que certamente escapam de momento ao nosso *controle*.

Como o leitor vê, é um interessante grupo a que não faltam Bancos, *C.<sup>as</sup>* de Transportes, Sociedades comerciais e agricolas ou produtoras de energia.

Vejamos agora *os nomes* dos que as dirigem, recebem grossas somas como honorarios e vivem á grande enquanto o povo se tortura e morre á mingua sem trabalho ou sem o suficiente para comer.

Candido Sotto Mayor—no *Banco Sotto Mayor*; no *Banco Colonial e Agricola*, na *C.<sup>a</sup> de Seguros Sagres*, na *C.<sup>a</sup> Portuguesa de Admistrações*, na *C.<sup>a</sup> Nacional de Caminhos de Ferro*, etc.

Dr. Candido Sotto Mayor Junior—no *Banco Sotto Mayor*, na *C.<sup>a</sup> Nacional de Caminhos de Ferro*, na *C.<sup>a</sup> de Africa Ocidental Portuguesa* etc.

Vieira Pinto—no *Banco Sotto Mayor*, no *Banco Colonial e Agricola*, na *C.<sup>a</sup> Nacional dos Caminhos de Ferro*, na *S.<sup>de</sup> Portuguesa de Admistrações*, etc.

Dr. Carlos Barbosa—na *C.<sup>a</sup> da Africa Ocidental Portuguesa*, na *C.<sup>a</sup> Colonial do Buzi*, na *C.<sup>a</sup> da Moagem Lisbonense*, na *S.<sup>de</sup> Portuguesa de Admistrações* etc.

Henrique Augusto Ferreira—no *Banco Colonial e Agricola*, na *S.<sup>de</sup> Portuguesa de Admistrações*, na *C.<sup>a</sup> Colonial do Buzi*, na *C.<sup>a</sup> da Africa Ocidental Portuguesa*, etc.

Paulo Correia Leite—na *C.<sup>a</sup> Agricola Ribeira Palma*, na *C.<sup>a</sup> de Seguros Sagres*, na *C.<sup>a</sup> Portuguesa de Admistrações*, etc.

Silva Bruschy—no *Banco Colonial e Agricola*, na *C.<sup>a</sup> Colonial do Buzi*, etc.

Dr. José Gabriel Pinto Coelho—no *Banco Colonial e Agricola*, na *C.<sup>a</sup> Colonial do Buzi*, na *C.<sup>a</sup> da Africa Ocidental Portuguesa*, etc.

Dr. Frederico Egrejas—na *C.<sup>a</sup> Agricola de Ribeira Palma*, na *C.<sup>a</sup> Nacional de Caminhos de Ferro*, etc.

Driessel Schröter—na *C.<sup>a</sup> Africa Ocidental Portuguesa*, no *Banco Colonial e Agricola*, etc.

Outros nomes como os de Domingos Pinto Coelho, Dr. Carlos Pinto Coelho, Dr. Manuel Barbosa, Moysés Amzalak, Dr. Adrião Egrejas, Francisco Antonio Correia, Eduardo Fernandes d'Oliveira, Joaquim Nunes Mexia, Dr. Caetano Mata, etc., etc., fazem parte dos corpos gerentes de mais de uma Sociedade deste grupo.

Analisemos agora o pequeno *cambão* da *Moagem*.

No nosso grafico demos como fazendo parte



## A CHOLDRA

da *C.<sup>a</sup> Industrial de Portugal e Colonias*, o *Banco Portuguez do Continente e Ilhas*, a *C.<sup>a</sup> Nacional de Alimentação* e a *C.<sup>a</sup> de Fomento Nacional (Guiné)*. Não podemos obter os nomes exactos dos gerentes desta ultima, mas não temos duvida em afirmar que ao dito *cambão* pertencem.

Quanto ás outras, a sua gerencia está confiada a **Raul Monteiro Guimarães** que pertence aos corpos gerentes da *Portugal e Colonias*, do *Banco L. Continente e Ilhas*;

a **Augusto Alves Diniz**, que dirige a *Portugal e Colonias* e *Banco L. Continente e Ilhas*;

a **Artur Cohen**, que pertence ao *Banco L. Continente e Ilhas* e á *C.<sup>a</sup> Nacional de Alimentação*;

Temos ainda como gerentes dumas ou d'outras os srs. **Carlos Reis**, **Eduardo Reis**, **José Abreu Reis**, **José** e **Augusto Carreira de Sousa**, **Paiva Raposo**, **J. Correia Guedes**, **Pina Lopes**, etc., etc.

Para que os leitores avaliem dos famosos tentaculos, de meia duzia que pouco mais são, destes senhores, reproduzimos a lista das empresas que dirige um homem famoso, dos propulso-

res dos *imponderaveis* que fazem cair altos commissarios, nomear governadores, surgir ministros, etc., etc. Trata-se do sr. dr. **Ruy Ulrich** que, sem fazer parte directa de nenhum dos *cambões* já citados, dirige todo este estendal, toda esta rede de bancos e companhias:

## Banco de Portugal

*Comp. dos Caminhos de Ferro Portugueses*

*Comp. dos Carris de Ferro de Lisboa*

*Comp. dos Caminhos de Ferro do Mondego*

*Comp. de Moçambique*

*Comp. Carvoeira*

*Comp. Colonial Portuguesa*

*Comp. Geral de Cal e Cimento*

*Portuguese Corporation of Commerce and Trade Corporation!*

**Dez empresas, bancos e companhias! Dez!**

## Antonio Centeno e Alfredo da Silva

Vêr no nosso proximo numero o grafico representativo da vida de negocios destes  
**Senhores!**

Brevemente: os políticos que a todos os *cambões* estão ligados.

**VERDADES AMARGAS, MAS VERDADES!**

## AOS NOSSOS ASSINANTES

Tendo chegado ate nós que muitas deficiencias teem havido na distribuição d'*A Choldra* aos assinantes, pedimos a todos os lesados, o favor de nos comunicarem por postal qualquer reclamação a que tenham direito.

Só conhecendo os males lhes poderemos procurar remedio.

A proposito, os recibos do 2.<sup>o</sup> trimestre já estão á cobrança. Não se esqueçam e previnam em casa deixando a importancia respectiva.

E's amigo d'*A Choldra*? Achas que alguns serviços está prestando á Republica?

Se és amigo e se reconheces a nossa utilida-

de, procura que alguns teus amigos comprem e assinem *A Choldra*.

Far-se-ha assim maior propaganda das ideias que defendemos e garantirás a vida do nosso semanário.

Ouve bem!

Necessitamos de mais 500 assinantes!

Arranja tu 5!

Cem que tal consigam, e pequeno esforço isto exige, terão prestado um grande serviço ás esquerdas republicanas!



# Um imposto sobre portas e janelas

## OU

uma grande concepção moderna dum vereador  
que tem um espirito muito aberto

Lembrou-se agora um senhor vereador — espirito aberto ás grandes concepções modernas, diz o *Diario de Noticias*—de criar um *imposto da cidade para a cidade*, e logo o orgão das forças-vivas acudiu, como sempre que se trata de uma medida que prejudica ou leza o publico, a defender a proposta que classifica de arrojada e simpatica e que, segundo o mesmo orgão da Moagem, deve ser acolhida pela cidade com o maior entusiasmo.

Do tal imposto são isentos a Industria e o Comercio porque já estão — coitadinhos! — carregados de impostos e de contribuições. Mas é justo que paguem todos os habitantes de Lisboa. Quem tiver inquilinos, automoveis, caminhões sid-cars, trens, bicicletas, carroças e galeras paga o imposto que, na *arrojada* proposta que saiu pela abertura do espirito do solicito vereador, vem estipulado. E os que não tiverem carroças, trens, automoveis, bicicletas pagam pelas portas e janelas que possuam.

E sabem a que se destina tão simpatico imposto? Para a construção imediata de quatro grandes edificios para neles se instalarem repartições de finanças, administrações, tribunais de transgressões, postos policiaes etc etc, mas edificios muito grandes para comportarem muitos empregados e funcionarios novos. que é de que os municipios mais precisam!

A applicação a dar a tão simpatico imposto mostra insofismavelmente que os vereadores, salvas rarissimas excepções, não tem a minima

noção das necessidades mais urgentes da população de Lisboa. Nesse reduzido numero das excepções está, por exemplo, o sr. dr. Antonio Aurelio que, ha dias na Camara Municipal onde representa a Esquerda Democratica, apresentou uma interessante proposta para a construção de bairros municipais, Esta sim, que é uma proposta que interessa á população de Lisboa, grande parte da qual vive em casas improprias para habitação de seres humanos ou em parte de casa, como sardinha em canastra.

Vejam os snrs, a diferença: Enquanto o primeiro vereador quer sobrecarregar os municipios com um imposto para a construção de quatro palacios para a descentralização dos serviços municipais. o segundo interessa-se pela edificação imediata de casas baratas, confortaveis e higienicas para moradia das classes trabalhadoras.

Pois o *Diario de Noticias* que defende com calor a tal arrojada proposta—na verdade é preciso ter arrojo para a apresentar—que cria o simpatico (!) imposto sobre portas e janelas, nem sequer se refere á proposta — e essa é que é simpatica — do vereador sr. dr. Antonio Aurelio!

Um imposto sobre as portas e janelas! Realmente é preciso ter um espirito muito aberto para por ele poder passar um tão grande desparate!

Resta saber se a população está disposta a paga-lo ou se ferrará com as portas na cara de quem positivamente está a *chuchar* com ela.

## UM MINISTRO INGENUO

O sr. ministro da justiça ofendido com a falta de apoio da maioria parece que resolveu abandonar o ministerio. Esta falta de apoio foi evidenciado durante o discurso dum deputado monarchico, onde o ministro foi rijamente atacado. Ora esta attitude do sr. dr. Catanho de Menezes vem evidenciar-nos uma certa ingenuidade da sua parte. O sr. ministro parece que ainda se não convenceu que a maioria é a cefala. A maioria desconhece o valor das palavras. Não ha discursos, não ha verdade, não ha principios que a obriguem a raciocinar. A maioria encara qualquer problema apenas como uma questão de numeros. Tantos contra tantos.

Tudo o mais é fumo. O sr. Antonio Maria diz: eu quero isto e aquillo. A maioria trata immediatamente de cumprir a ordem do governo, por votações.

As pequenas rebeldias que surgem são aparentes. Servem para nos dar a impressão de que os senhores deputados bonzos têm criterios pessoais e sensibilidade moral. Mas é falso. Os membros da maioria,

quando o sr. Presidente do governo dá largas á sua dialectiva pitoresca—obedecem. E se o sr. Antonio Maria se esquece de lhes dar o *mot-d'ordre*, os parlamentares do P. R. P. atarantam-se e ficam inertes—como bonecos a quem faltasse a corda...

Foi portanto ingenuo o sr. dr. Catanho de Menezes ao sentir-se melindrado com os seus correlegionarios.

Eles, coitados, não fizeram aquillo por mal... O sr. Antonio Maria é que não disse a tempo: — meninos, é altura de se sentirem ofendidos, protestem...

E então teria sido bonito. A camara, como por milagre, levantar-se-hia em imprecações terriveis e todos teriamos tido, a começar pelo sr. ministro da justiça, a sensação agradavel duma camara consciente, com um sentido moral afinado e digno...

O sr. dr. Catanho de Menezes só deve, pois, lamentar que o seu Presidente do Ministerio tenha fallado mais uma vez na sua profissão de contra-regra.



# A transformação da A APLICAÇÃO DAS



I

*Nasceu este animal para viver na treva  
E para trabalhar constantemente em luras,  
E só vive feliz quando a existencia leva,  
Minando lentamente as covas mais escuras.*



II

*Foi-lhe ficando branco o sordido focinho,  
E com esta mudança — as velhas qualidades  
Desenvolvidas mais, abriam-lhe caminho  
Para ir minando sempre aldeias e cidades.*



III

*Mal sabia Jesus — o martir doloroso,  
Que um dia a roça vil de infames parasitas,  
Faria de seu nome — um nome glorioso, —  
A capa duns ladrões — chamados Jesuitas!*

## A irresponsabilidade do sr. Antonio Maria da Silva

Numa sessão do Parlamento, o chefe do governo, irritado com a energica defensiva dos deputados da esquerda democratica, falando com a atrevida inconsciencia que caracteriza a sua personalidade despotica e impune, pronunciou as seguintes palavras: — esses senhores são epilecticos e malcriados!...

Ora é tempo de passarmos a exigir ao sr. Antonio Maria a responsabilidade das suas grosserias. Chamou o chefe do governo epilecticos e malcriados aos deputados da esquerda. A psicologia deste homensinho sinistro, é facil de marcar. Ardiloso e mellifluo de começo, apossado á sua ambição de dominador, entrou na republica de sorriso nos labios. Trepou á custa de intrigas e manigancias. Instalou-se. De estructura absolutamente anti-democratica fez-se dono do partido democratico. Impõe a sua vontade e a sua opinião, batendo o pé e exigindo. Incorrecto, plebeu sem sentimentos a quem meteram a vara na mão — com linguagem de arrieiro, homem que avisa os seus proprios correlegionarios de que tenham cuidado em não lhe pisar os calos, mestre em *gafes* e galegadas celebres — o

senhor Antonio Maria apoda os deputados esquerdistas de malcriados! É espantoso! Malcriados e epilecticos!

É conhecida a epilepsia do sr. presidente do ministerio, os seus destemperos histericos, a sua inabalavel obsessão de predominio que é uma tãra mental facil de constatar em face de qualquer volume de psiquiatria. Pois o chefe do governo chama aos outros epilecticos...

Não fazemos agora a analise definitiva do que é o sr. Antonio Maria perante a psicologla e muito menos do que ele é hoje perante a vida nacional em perigo.

Garantimos apenas isto: O sr. presidente de ministerio tem sido até ao presente, em face da sua linguagem, um irresponsavel. Pois nós ajustaremos contas. Havemos de pôr termo, duma vez para sempre, ás tôrpes incontinencias de linguagem do sr. Antonio Maria, que até os proprios partidarios não tem poupado, na sua megalomania desvairada, obrigando já o sr. João Camoegas, o sofista da *regie*, a confessar melindrado que grosserias... não podia admitir.



# toupeira em jesuita

## TEORIAS DE DARWIN



IV



V



VI

*Depois o batalhão dos filhos de Loyola,  
Após um grande estudo e noites de vigília,  
Tem procurado erguer--nas trevas--uma escola  
Onde vá combatendo o amor, mais a família.*

*Sabe balçar servil--aquele olhar de féra,  
E a asplhu dobrar--nas posições más chatas,  
E em pésinhos de lã, com garras de pantera,  
Roubar--nos cruelmente os ouros--como as pratas!..*

*E agora já não ha um palmo só de terra  
Onde a canalha vil não cause enorme dano,  
Aos alvos dos chacals que a gasta Roma encerra  
No lugubre covil--chamado o Vaticano!*

## O PADRE NOSSO dos burlões

Afinal, esse negocio da China das tais senhas *irrecuperaveis* volta a ser permitido. Basta que o negociante ou industrial — não sabemos se aquilo é commercio ou é industria — se tenha registado no Tribunal do Comercio para poder exercer livremente a sua actividade.

Nós sempre gostaríamos de saber em que classificação é esse famoso negocio registado. Pelos vistos, o vigário passa a ter foros de commercio ou de industria e os vigaristas a pertencerem á categoria de commerciantes.

A sociedade está em evidente decomposição moral! Vejam lá se as Associações Commercial e Industrial tiveram uma manifestação de repúdio da sua solidariedade ou camaradagem com os burlões das «series recuperaveis» !!

A permissão de exercerem o negocio das senhas ás casas registadas no Tribunal do Comercio, é o reconhecimento official do vigário. Roubar o proximo, ludibriando-o, é, tambem, ao que parece, auxiliar o fomento nacional. E o caso é que, segundo revelou um

senador na sua respectiva camara, um dos tais burlões fomentou-se já com a bonita soma de mil e tal contos!

Portugal é, sem duvida, sob a protecção do partido democratico, a terra abençoada dos burlões.

E dizem ainda que o sr. Antonio Maria da Silva é mau, é ditador, é inimigo da liberdade! Calunias! Já viram algum dos autores das famigeradas burlas dos ultimos tempos ter sido tolhido ou privado da liberdade?

Que admira pois que todos eles o adorem e o chamem comovidamente o *seu palzinho*, e todas as noites lhe dirijam uma prece, cheios de unção e de reconhecimento?

«Pai nosso que estais no poder, eterno seja o vosso governo. Venha a nós a vossa protecção, para que seja feita a nossa vontade de enriquecer depressa sem trabalhar. As burlas nossas de todos os dias, permiti sempre. Consenti, senhor, nos nossos roubos, assim como nós permitimos os vossos escandalos.

«Não nos deixeis, senhor, ir para os calabouços e livrai-nos dos «esquerdistas». Amen.



# Os Republicanos Conservadores e a Republica

A implantação da Republica em Portugal não modificou as condições da sociedade portuguesa. Pelo contrario — piorou-as. Até Outubro de 1910, viveu-se uma bela ambição de democracia. O povo esfomeado, analfabeto e explorado sofria. A Republica surgia lhes como uma redenção. Por ela lutou e por ela morreu com heroismo, na attitude de beleza de quem morre por uma Ideia promissora. Veio depois a rialidade. Os revolucionarios de quico á banda instalaram-se comodamente nas poltronas macias dos snrs. conselheiros, enxugando as botas rötas nos fogões electricos—e lembrando-se, depois do bom combate, que tinham appetite . . .

Lá fora, na rua, nas barracas imundas e miseraveis, o povo esperava. Os homens em seus tugurios humildes, olhavam os filhos quasi nus, macilentos e debeis—sorrindo na esperança de dias melhores. As promessas da propaganda bailavam-lhes no cerebro. Era para eles que se fezera a revolução . . . Recordavam as suas vidas, tal como as dos filhos—negras e miseraveis. Nem escolas, nem pão. Ah, mas agora aquelas crianças já teriam um futuro melhor.

A Republica ia cuidar de todos . . . Tantas vezes escutaram a palavra justiça que não duvidavam um instante . . . Sorriam. A monarchia acabara. Um grande clarão de fé iluminara os pobres cerebros! . . . O regime democratico honesto e popular, satisfazia-os de todas as horriveis amarguras, que se acumulavam, revoltas, em seus peitos, de geração em geração . . .

Mas os politicos republicanos esqueceram-se do povo. A bem dizer esqueceram-se de tudo. A Republica devia ter sido uma revolução em marcha. — Era ou não o sistema politico monarchico um cancro? Era. Tornava se portanto necessario remodelar d'alto a baixo a vida nacional. A Republica seria a reforma. Reformar e corrigir sempre.

Foi isto que se fez? Não. Os politicos adaptaram-se, por incapacidade primeiro e por comodidade depois, á rotina e ás formulas monarchicas. Da monarchia para a Republica houve apenas mudança de nomenclaturas — e de homens.

Ainda assim isto estaria bem se os homens defendessem as ideias apregoadas. A sintese fixei-a atraz —reformat e corrigir sempre. Mas não. Os politicos não vinham para governar, mas para se governarem.

Alguns anos depois de implantar a Republica, o povo, numa dolorosa amargura, desiludia-se. Fôra ludibriado.

Nada mais perigoso para um regime do

que desiludir o povo da eficacia do seu sistema. Mais. Hoje o povo não só não acredita—despreza.

Terem desvirtuado um sonho vivido com tanto entusiasmo — foi a desmoralização.

Para o povo, maus politicos e Republica é tudo a mesma coisa. Ri e tem sarcasmos. Compara o que se dizia dos homens da monarchia ao que ouve dizer hoje, por toda a parte. Comenta então com raiva: — ladrões! são todos o mesmo! . . .

Quinze anos duma politica de mangancias sem outro intuito que não fosse o compadrio, déram este resultado—a desmoralização total. Deram cabo de tudo. Com os homens que nos governam não ficaram nem os principios, nem o povo. Ha apenas certa burguezia que entrou para a Republica por calculo e arranjou lugares e situações de predominio. São esses que se instalaram no parlamento e nos directorios dos partidos, no governo e nos bancos — e que se defendem recorrendo a todos os expedientes e a todas as habilidades, querendo á força conservar esta apparencia de rigime republicano—repartindo entre si o paiz, na frase de João Chagas, como piratas dividem o produto dum saque, bulhando.

\*  
\*  
\*

A Republica não se fez, não se realizou. Os ultimos cem anos da monarchia foram uma historia calamitosa de incompetencias e de fraudes. Estamos chegados á justificação do titulo deste artigo. Pois bem. Nos ultimos tempos têm apparecido, entre nós, alguns politicos que se intitulam republicanos conservadores.

Isto não é um sofisma, porque é uma afronta. Afronta aos principios e afronta ao povo. Que haja conservadores, *tout court*, admite-se. Mas não são republicanos. Alguns se o foram, deixaram de o ser para se tornarem socios de commandita que explora o regime, como balcão dos seus interesses particulares. A Republica não pode ser conservadora porque não ha em Portugal tradições da mais simples instituição de politica democratica que seja necessario conservar. A republicana é uma ideia renovadora que se torna necessario realizar. Isto é evidente. . .

—Um republicano conservador, em Portugal, ou é cego, ou hipocrita, ou imbecil.

Não nos deixemos iludir. A Republica, de cinco de Outubro para cá, não deu um passo no eu sentido politico e social. Se fez alguma coisa



foi recuar. Puzeram-se pedras sobre todas as necessidades democráticas.

Isto a que se chama Republica só tem o apoio de quem defende com unhas e dentes as melhores posições economicas nos bancos e altos cargos, a finança sugadora e os politicos de tranqui-bernia, com seus jornais de *bluff*. Ser republicano conservador é uma denominação habilidosa que, de facto, só poderia ser sancionada oficialmente por politicos corruptos. Vejam os senhores os nomes dos nossos republicanos conservadores e reparem no alvoroço com que é aceite a formula, pelas suas clientelas sedentas... Reparem nos seus argumentos. Leiam os fundos da *Noite* os artigos do *Diario de Lisboa* e as sandices do *Rebate*... Atentem nos discursos dalguns banque-tes...—Ouvem-nos? Ouvem-nos?

E' a capciosa moral dos cumplices.

A Republica para estes homens só convem como figura de retorica. Não acreditam no perigo monarchico, que, em verdade, não existe. Os

operarios com seus créditos avançados não os as- sustam, porque os imaginam eternos miseraveis sem resoluções revolucionarias—e para os mais destemidos lá tem na policia a repressão epilep- tica do Ferreira do Amaral, que intimamente confessam ser um doido, mas que lhes convem não só porque lhes guarda as costas, mas porque com honrarias e elogios o conseguiram calar...

Imaginam portanto que a Republica são eles. Sem nada que os faça deter na sua ambição des- medida, sem receio, sem remorsos, seguros da sua impunidade e insaciaveis sempre, com a sua dialectica facil de transigencias agradaveis á bur- guesia e ao reaccionarismo—os politicos, de braço dado com a gente dos bancos e de todas as ne- gociatas escandalosas, inventaram para tranqui- lidade definitiva das suas trabalhosas digestões— a capa de republicanos conservadores. Ficamos pois nisto, por hoje. Dum lado os republicanos conservadores. Do outro lado a Republica.

Dum lado a crápula. Do outro lado a ideia, o panfleto, a dinamite...

C. de G.

## O Seculo e as suas campanhas

O *Seculo* enche diariamente a sua primeira pagina, levantando escandalos e insistindo no seu auto-de-fé aos politicos do regime. O *Se- culo* muitas vezes fala certo e põe a nu muitas mazelas vergonhosas. A nossa politica é tambem de destruição. Mas nós falamos em nome de principios. O nosso principio é a Republica. Por ela nos batêmos. E' este o caso do *Seculo*? Não, a gazeta do sr. Pereira da Rosa tem um intuito totalmente oposto ao nosso. E' certo que a Re- publica, como rótulo, não atacam. Aceitam-na por conveniencia. Mas o *Seculo* é um coio de reaccionarios que servindo a obsorção do pais pelos Interesses Economicos—quere apenas, acei- tando qualquer ditadura, dar cabo de todas as tendencias democraticas. A democracia, como é logico, não agrada ás plutocracias dos interesses economicos. O que convem ás suas necessida- des é um Mussoline saído do seu seio. De ai a sua campanha capciosa de desmoralização re- publicana.

Nós, queremos a Republica. O *Seculo*, tra- ta unicamente de fazer substituir os actuais po- liticos por homens dispostos a servir os seus interesses, que são exclusivamente os interesses do alto comercio. Interesses de compra e venda. Politica de mercado. O Terreiro do Paço trans- formado em autentica Associação Commercial de Lisboa...

Dizer que o *Seculo* tem interesses occultos é um erro. Para onde ele quere ir todos nós sabe- mos. E para onde nos quere levar muito melhor ainda... A ditadura é mordaga que não nos serve! Nós bem sabemos que o *Seculo* tem fo-

mentado um largo ambiente de descrença. A sua obra tem dado resultados. O *Seculo* sabe levar o rio da opinião publica enganada—a mo- ver o moinho dos seus interesses. O *Seculo* sabe...

Mas nós tambem sabemos o que o *Seculo* quere. Em parte até o aproveitamos. Por isso não nos mete medo. Temos o sentido da opor- tunidade. Deixamo-lo andar... Ao lado de certos fantoches que Adelino Mendes vai dei- tando por terra, hão de ficar tambem por nossa conta e risco—os patriotas mussolinescos que mechem cordelinhos no *Seculo*, com a prosapia torpe dos Rosas, dos Oliveiras, dos Mosés, dos Trindades, e outros de que não se fala...

## O' da guarda!

O sr. Antonio Maria da Silva continua premeditando o assalto à carteira dos profissionais da Imprensa. A ultima dele, agora, é esta: a entidade competente para atestar a profissão de jornalista é o ministerio do Interior!

Haverá jornalista que, tendo dez reis de dignidade profissional, aceite tal humilhação?

Pela indignação que vemos disporta na classe, esta- mos convencidos que nem um só profissional da Im- prensa tolerará que outras entidades que não sejam o seu Sindicato Profissional, reconhecido pelo Estado, e os directores dos jornais em que trabalham, lhe ates- tem a sua qualidade de trabalhador da Imprensa.

Ao sr. Antonio Maria da Silva só se lhe reconhece competencia para passar diplomas de revolucionarios civis. Não queira o sapateiro ir alem da chinela.

O que precisamos, acima de tudo, é ser honestos e leais, apresentando-nos como a sinceridade em pes- soa. E são horas de dizer a ultima, definitiva palavra.

Antonio José d'Almeida.



POR BEM...

## DA VIDA MENTAL

Como se aprende a redigir...

«Como se aprende a redigir» é o título duma obra que o Sr. José Guerreiro Murta, escreveu para se divertir connosco, E' o livro o primeiro de uma collecção que se designa assim, lapidariamente: «Estudar é saber». Edita-o a Livraria Sá da Costa, ou de Sá da Costa, como pretendem os bons autores e não lhes levamos nada por isso.

Quando o livro appareceu anunciado, junto com as «criadas para todo serviço» e os «quartos independentes com porta para a escada» dos jornais de grande circulação, ligámos-lhe a importancia que os seus titulos mereciam, não obstante os abundantes e significativos titulos do seu autor que é Prof., Dr. e reitor do Liceu de Bocage e não sabemos—porque o não diz-se commendador da antiga e nobilissima Ordem de Santiago, do mérito, scientifico, artistico e... literario.

Evidentemente que numa secção desta natureza não pode ter cabimento um trabalho como o do Sr. Murta, como o não tem—por exemplo—O Secretario dos Amantes». Obras dessas anunciam-se com grandes réclames, vendem-se nos quiosques e estancos, compram-nas os papalvos, mas por dignidade, por elegancia, ninguém as considera manifestações da vida mental. São uma das mil maneiras de ganhar dinheiro.

Então porque nos referimos ao livro de S. José Guerreiro Murta?

E' porque atingiu já a 2.<sup>a</sup> edição revista e aumentada e isso é grave.

Admitamos que a primeira edição foi de mil exemplares. Já mil pessoas leram ou pelo menos compraram o livro «Como se aprende a redigir». Nêsse numero deve haver velhos, mulheres e crianças indefesas. Não é licito portanto silenciar sobre os méritos da obra.

O livro é uma intrugice. Não ensina nada a redigir nem poderia ensinar. As regras para bem redigir são as da gramatica, que cada um applica consoante as suas aptidões literarias. A beleza, a elegancia, a harmonia do estilo, são attributos individuais, que dependem das faculdades artisticas do escritor.

A obra do Sr. Murta é uma mistificação, destinada a enganar pessoas ingénuas e pretenciosas, uma especie de «paro» dos que os vigaristas impingem aos provincianos cubicosos, dizendo-lhes que dentro tem boas notas de banco... para dar esmolras.

Poderia a obra ser assim e ter espirito, apresentar-se com elegancia de sorte que no final, depois de o lermos, sorríssemos da espezteza do autor em vez de lhe applicarmos uma palavra sonora de *rr* carregados.

O Sr. Conselheiro Acacio se escrevesse um livro para a mocidade que se applica ao estudo dos «seus bem elaborados compendios» escreveria um livro como o do Sr. Murta. O Conde de Abranhos nos seus relatorios empregava a linguagem pascécia do «Como se aprende a redigir».

O Sr. Murta louva-se em Albalat, para dizer que se ensina redigir.

Ora Albalat tinha miolos, uma coisa que nem toda a gente tem, e Albalat sobretudo apontava os vicios da linguagem, que é conveniente evitar, como entre nós as apontava, com superior competencia, Candido de Figueiredo.

As regras do Sr. Murta para bem redigir são os axiomas velhos de séculos, de todos os estilistas, a leitura aturada dos bons autores, a adaptação do estilo ao assunto, o emendar e retocar até ao maximo de harmonia a frase.

O livro tem, contudo, bernardices muito curiosas. O capitulo «Guia do país» é de estucha. Aconselha por exemplo o Sr. Murta a dar um pai ao seu tenro filhinho de 10 anos «As Glorias Militares Portuguesas» do Sr. General Zeferino Brandão, ou os «Heróis e Martires» do Sr. Eduardo Noronha.

Para meninas de 15 a 18 anos o Sr. Murta aconselha, ao sabôr da memoria, entre outros a «Patria» de Junqueiro. Dêsse formidavel panfleto, recorda-nos agora um passo, que refere a entrada de D. João V em Odivelas e a recepção das freiras, em que o Poeta nos diz:

«E o monstro lascivo padreira-as a todas».

«Num delirium—tremens de fornicção».

Isto para meninas de 15 anos...

Outro capitulo fenomenal é posposamente intitulado «Qualidades e defeitos de alguns escritores contemporâneos». De Raul Brandão diz que sai fora da logica e da gramática, que o «Humus» «às nebulosidades da concepção» junta «o abstruso da concepção».

A Teixeira Gomes reconhece «habilitade para contar» dizendo que «é às vezes felis no seu impressionismo». E por aí abaixo distribui a cada um dos escritores em evidência um comentario agri-doce, simplesmente idiota. Pois não será idiota dizer que Brito Camacho é um jornalista que deduz com ironia, calma e suavidade?

Nesta distribuição de louvores e tolices o Sr. Murta manifesta neles predilecções. Enquanto a Aquilino Ribeiro, o maior prosador, vivo, da lingua portuguesa, dedica seis linhas e doze banalidades, ao Sr. Fidelino de Figueiredo consagra uma pagina.

Lá vem no Larousse: *Asinus asinum fricat...*

O capitulo «Como se aperfeioam as frases» é vazio. E' um verdadeiro tratado do lugar comum. Ensi-na e exemplifica, como se substitue um lugar comum mau por outro lugar-comum péssimo.

Os trechos selectos com que fecha o volume mereciam tambem ser anotados. Não temos tempo, para isso. Nem tempo nem espaço. Não vale a pena gastar cêra com ruim defunto.

Para concluir um alvitre: O sr. Ministro da Instrução Publica que já louvou o sr. Murta no «Diário do Governo», por outro livro de igual valor, deve propô-lo para o habito de Santiago, se é que ele ainda não foi a Palmela a fim de ser sagrado cavaleiro. Ou ao menos torne-o a louvar em notas da Arcada—*Arcades ambo...*

SPARTAGUS

## A NOSSA FESTA

Por motivos imprevistos mas imperiosos ficou adiada para quando annunciarmos a festa que uma comissão de amigos d'A CHOLDRA tencionava levar a efeito a favor do Azilo de Santa Catarina.



## REVISTA... da Semana

Por BATISTA DINIZ

CARTAZ

## TEATRO DA POLÍTICA

A pedido geral

HOJE HOJE

Mais uma representação da imortal  
revista

O PAIZ É MEU!...

## AVISO

Supondo ingenuamente que o sr. Antonio Maria mudaria de processos politicos, suspendemos os espectaculos. Como tal não succedeu, voltamos hoje à liça, e continuaremos, até que o illustre hospede do hospital de Santa Marta em occasões de revolução, exclame como o galego: «Faral» ou «barandas».

## 7.º Quadro

Herodes... da Silva, ou a degolação  
dos Inocentes

A scena representa o palacio de Herodes que, como se sabe, é situado na Travessa da Agua da Flor. A' direita—porque o sr. da Silva gosta da direita politica—trono monumental constituído por enormes charutos da proxima futura có-régie (?)

Sobre o trono, Herodes... da Silva, rodeado pelas seus cortezãos, dos quais se destacam a Inconsciencia, a Venalidade e mais figuras simbolicas. Povo, etc.

CORO DE VASSALOS (bonzos)

Senhor! Senhor!  
A vossos pés sempre prostados,  
Eis os vassallos dedicados,  
Senhor! Senhor!

(Seguem-se evoluções das massas .. corais)

HERODES (depois de musica, brandindo um  
chicote de 9 rabos)

Calai-vos, imbecis! Neste templo só a minha voz se  
fará ouvir! (Os bonzos recuam submissos).

VENALIDADE (humilde)

Permitti...

HERODES (meigo)

Fala tu, minha amiga! Devo-te muitos e assinalados  
serviços...

VENALIDADE

Desejava lembrar-vos que talvez os inocentes se  
submetessem com qualquer posta!...

HERODES

Talvez tenhas razão! Que dizes Inconsciencia?

INCONSCIENCIA

Que o vosso poder é tão grande, tão vasta a vossa  
erudição e sapiencia que...

-O POVO (algemado e com uma mordação)

NUNCA!

HERODES (irado)

Ah! patife. Tu atreves-te? (canta)

Que o meu Barbosa Viana  
É a guarda pretoriana  
Tomem já mil precauções!

(forte na orquestra)

BARBOSA VIANA (com submissão)

Se acaso houver pavorosa  
Contai sempre c'o Barbosa  
Que até lhe esfolo os calções...

HERODES (com voz de papão)

Vá!

CORO DE INOCENTES

Não nos mates, não nos rales,  
Deixa-nos viver em paz...

TODOS (a um sorriso de Herodes)

O' compadre chegadinho fez, fez.  
O' compadre chegadinho faz, faz.

HERODES (depois de musica)

Vejam os meus conselheiros!

CORO (musica alentejana)

O' Loureiro, ou Loureiro,  
Vem cá ajudar á missa.  
Traz o metro, meu bréjeiro,  
Que é a vara da justiça...

Junto do Tavares Ferreira,  
Tu que és já raposa velha,  
Puchas o carro da asneira.  
Mas que soberba parelha!

(Entram os conselheiros, Nunes Loureiro—vulgo  
o «Home da Loge»,—e Tavares Ferreira, «O Capachi-  
nho».



## A CHOLDRA

### OS DOIS

Aquí nos tendes, senhor! Que pretendeis?

### HERODES

Ouvir o vosso abalisado conselho! Fiado e confiado na vossa nunca assás desmentida intelligencia...

(*Os circumstantes são mistiriosamente victimados por um ataque de tosse*)

### LOUREIRO

Senhor! Se é do povo que tendes razão de queixa eu que já fui do povo e bem o conheço, vos aconselho a que lhe dêis *para o tabaco*...

### TAVARES FERREIRA

Tambem eu vos dou igual conselho! Bem se vê que o povo não lê, infelizmente, pela *minha cartilha*!

### HERODES (com pose)

Vamos então á chacina! (*Ao Barbosa*) Carrasco, cumpri a ordem!

### BARBOSA VIANA (*fendo a sentença*)

Tal, tal e tal, eu vos condeno á pena de decapitação. (*Empunhando a catana, vai degolando, um a um, os inocentes*).

### HERODES (*entusiasmado*)

Doutor! Doutor! Sois bom vassalo de Herodes!

### O POVO (*num gesto de desprezo*)

Ainda um dia...

### BARBOSA VIANA (*aos esbirros*)

Apertem-lhe bem a mordaca.

(*A scena escurece rapidamente para preparar a apoteose que é a queda dum raio.*

*Por seu turno, tambem cai o pano.*)

### FIM DO 1.º ACTO

## Significativos apoiados

Na sessão dos deputados de quarta feira ultima quando o deputado Amancio de Alpoim dizia que na Camara nunca se sabe quais são as questões fechadas para o governo, visto que, para ele, são todas abertas, e até na questão dos tabacos, questão importante para o País, o governo ainda não disse claramente o que quer, se monopolio, se liberdade, se regie, se co-regie, tudo lhe servindo desde que fique,—o sr. Soares Branco deputado da maioria, disse apoiado, com o espanto dos incondicionais do sr. da Silva.

O sr. Amancio de Alpoim, ainda com o aplauso do sr. Soares Branco, disse que o chefe do governo adoptou esta formula:—o que da Camara sair de bom, é obra do sr. Antonio Maria da Silva; o que houver de mau, é da maioria democratica.

O sr. da Silva, que estava perto, corou e disse que o sr. Alpoim ainda era *novato*, porisso se admirava.

Não merece comentarios.

## Os negreiros teem medo!

As manobras de estranhas  
gentes em torno da emigração

Pobres mas honrados! A *Choldra* não faz campanhas contra os interesses do Estado, a troco de dinheiro oferecido pelo primeiro intrujão que apareça. E' o caso da furibunda campanha que se vem fazendo no «Seculo» contra a proposta de lei que autoriza o Governo a organizar os Serviços de Emigração não se percebe porque grita exatamente na altura em que se pretende organiza-los! Se o dinheiro dos Negreiros é tão lindo!

Não morremos de amores pelo Sr. Antonio Maria da Silva; mas se o Governo quer fazer obra decente dando uma forte vassourada na atrazada legislação sobre passaportes modernizando os Serviços de Emigração que são uma vergonha — e nisso estamos todos de acordo, nós o Seculo e o governo—metendo na ordem esses traficantes de carne humana que se chamam Agentes de Passagens e Passaportes, só haverá que aplaudi-lo.

Estamos convencidos porem de que o *ilustrissimo estadista* que está na pasta do Interior não terá coragem para tanto. E senão veremos.

Na Camara dos Deputados já vimos subindo no elevador reservado aos parlamentares alguns dos tais traficantes de Passagens que o Dr. Filipe Mendes, — nunca as mãos lhe doam, — tem feito transportar em carros cellulares para o Governo Civil.

Pois, senhores, como isso não bastasse fomos encontrar tais cavalheiros nos cantos dos corredores em amena cavaqueira com alguns deputados da maioria a quem por modos *o negocio* tambem interessa... e a proposta... muito assusta tambem!

Que dirá a isto agora o fogoso deputado Sr. Manuel Serras que parece ser *um dos pais* da proposta?

Não queremos por enquanto falar de certo deputado nacionalista, companheiro de rijo brodio do celebre engaijador Antonio Soares de quem gosa o automovel... e a amizade.

A esse vamos ouvir certamente a sua voz trovejante gritando contra a proposta... porque não serve para meter os agentes na ordem...! Santa gente!

Pois se a vergonha não é muita e os emigrantes dão para tudo!...

No proximo numero contaremos algumas proezas dos tais negociantes.

Não perderão eles com a demora.



## NO MUNDO DESPORTIVO

A questão do Remo e a vaidade de um senador  
A moralidade deles... etc., etc.

Vai acesa a discussão sobre o credito de 500 contos, que um ministro prometeu á Federação de Remo para poder realizar na Figueira da Foz as provas internacionais de Remo.

Contra esse credito do Estado, que a todos devia congratular, está-se fazendo uma campanha nojenta, que pouco dignifica as criaturas que a alimentam.

Como a Federação se esqueceu de pedir licença ao «pápa» do desporto, o sr. Pontes, este amou-se e em vez de auxiliar a Federação, vai-lhe criando todos os obstaculos possíveis e imagináveis de modo que se está aproximando a data da organização da prova e a Federação ainda não sabe se recebe a «bagatloça» para fazer as primeiras despesas.

A attitude do dr. Pontes que se intitula a si proprio, paladino da educação física, é deveras singular.

Porque motivo o dr. Pontes, guerreia a Federação?

Será por inveja ao dr. Lino Traves, com medo que este o derrube do pedestal onde se empoleirou?

Talvez.

Não entende o dr. Pontes que a realização das provas nauticas, no nosso palz nos trará apreciáveis vantagens para as nossas relações internacionais, sabido que são as embaixadas desportivas aquelas que conseguem melhores resultados?

Já era tempo do sr. senador reconhecer que não pode ser dono disto e deixar que os outros, os verdadeiros desinteressados, façam obra proveitosa de forma que o país se dignifique.

Tambem o órgão dos mercieiros, por sugestão do senador, anda empenhado na guerra á Federação de Remo, clamando que o País não tem estradas.

Já é preciso ter descaramento para o fazer.

Então só agora é que sabem que o país não tem estradas?!

Então quando se realizaram os jogos internacionais, «tudo obra minha», como vaidosamente apregoava o senador, não se sabia no órgão dos mercieiros que o país precisava urgentemente de reparar as estradas?

Como nos enoja a vaidade destes parlapatões de pechesbeque, que nada fazem senão por snobismo!

Deixe-se o dr. Pontes dessas birras de criança e não crie embaraços a quem pretenda trabalhar, sem ideia de por esse trabalho conseguir qualquer provento.

Julgá o pápa do desporto, que todos lhe devem obediencia a ponto de contrariar a ideia mais pratica e racional, lá porque uma pessoa se esqueceu ou não quiz pedir-lhe autorisação para fazer qualquer pedido! Como se engana.

No dia que os parlamentares que constituem grupo desportivo e que na sua maioria nunca praticaram desporto algum, saibam que só os afillhados é que tem direitos, deverão ser os primeiros a exigir ao seu colega que os não comprometa, fazendo de uma questão desportiva uma questão politica.

Pois que nós estamos convencidos de que se «Os Sports» publicasse o retrato do dr. e lhe chamasse coisas bonitas, como pai do desporto, espirito desinteressado etc, ele valdoso faria com que o desejo do titular fosse realizado e a Federação recebia a massa.

Amado por não lhe publicarem o retrato nem o elogiarem, abusará da sua situação politica para guerrear os dirigentes do Remo.

E continuará nesse trabalho derrotistas enquanto

não lhe fizerem reconhecer que é tempo de ele se ir embora e dar o lugar aos novos, áqueles que se sentem com forças para a causa da Educação Física, mas que o querem fazer livre de quaisquer ideias...

Não reconhecerá o sr. senador que o pouco que tem feito em prol do desporto, o está a inutilisar com a sua attitude de criança amuada?..

Não seja mau, senão não vai aos jogos de Amsterdam...

\*

Como foram «Os Sports» que tomou mais a peito a defeza da questão da Federação de Remo, um escriba qualquer pretendeu insinuar que «Os Sports» fazia a campanha em prol do Remo, por chantage.

Lembra-se a gente de que esse cavalheiro que orientou o artigo de combate a «Os Sports», não merece consideração alguma a quem conhecer os seus processos de governar a vida.

Por enquanto, apesar dos anos, ainda não nos esqueceu a celebre subscrição para Bessone, se não estamos em erro, ir a Paris.

Onde foi parar o dinheiro que os Ingenutos enviaram para o cavalheiro que nessa ocasião dirigia Os Sports e que actualmente tanto o guerreia?

Naturalmente por esquecimento ficou na algibeira. E a policia de investigação que não conhece estes cavalheiros que se pretendem passar como pessoas sérias.

Já é preciso descaramento.

Nós, que os conhecemos, é que os não deixaremos pôr pé em ramo verde.

Com um marmeleiro é que eles precisavam, para terem juizo e não se meterem com quem não lhe liga importancia.

Vai-se governando com a Foto... enquanto o deixarem...

\*

A proposito do conflito entre a Federação do Remo e o Comité Olimpico, alguém que conhece bem os meandros da questão, perguntou-nos:

—Porque razão o Comité publicou um relatório tão interessante e se esqueceu de publicar as contas de despeza? Sim. Porque saber-se quanto gastou o Comité na sua deslocação a Paris, separando as despesas feitas com os atletas, das despesas dos directores, é que seria interessante ao publico conhecer.

Não soubemos responder, mas confiamos que o Comité satisfará o pedido deste desportista publicando as contas das despezas feitas com a ida das equipas e dos «directores» aos jogos de Colombes.

\*

No jogo de foot-ball efectuado em Toulouse, o grupo representativo de Portugal foi vencido pelo score de 4 goals a 2.

Neste desafio, a que assistiram poucas pessoas, fraquejou de uma forma notavel a defeza do grupo português, em que se punha maiores esperanças.

Portugal foi vencido no seu primeiro jogo disputado alem Pirineus.

Que a lição sirva de exemplo, e que os dirigentes em vez de discutirem se o Veloso deve ser entregue á policia como ladrão, trabalhem de molde a dignificarem o foot-ball português.

ANIBAL TORRES



# Os doze Misterios da Santissima Trindade

## Politica, Imprensa e Forças Vivas

POVO! Não te esqueças de  
preguntar aos que governam:

- Porque te não dizem o resultado do inquerito às contas entre o Banco Ultramarino e o Estado?
- Porque é ainda segredo o trabalho (?) de uma comissão nomeada HA MAIS DE 2 ANOS para estudar o monopolio dos tabacos?
- Porque, agora que se discute a questão no Parlamento, nenhum deputado, por aquele trabalho pergunta?
- Como foi possível o governo do sr. Antonio Maria da Silva reduzir só a 30 MIL LIBRAS as 500 MIL que os bancos deviam pagar ao Estado?
- Como se deu o milagre do mesmo governo SÓ ter recebido 3 MIL contos de acções da Companhia dos Fosforos quando DEVIA receber 15 MIL!?
- Porque não se conhece o resultado do exame à escrita da mesma Companhia ORDENADO HA UM ANO?
- Porque num ACORDO COMERCIAL com a Alemanha se incluem clausulas POLITICAS permitindo a alemães a PERIGOSA compra de territorios e propriedades nas colonias?
- Porque não se tornou publico, o relatorio da comissão de estudo da Reforma Bancaria do Ultramar, ha tanto tempo nomeada?
- Porque espera o Parlamento para determinar um rigoroso exame à escrita da Companhia dos Tabacos, assim de apurar os milhares de contos que indevidamente deixaram de ser pagos ao Estado?
- Como consentiu o Parlamento que o Governo publicasse o decreto sobre as libras de Moçambique que só beneficia o Banco Ultramarino, quando era ao Parlamento que competia resolver o assunto?
- Quando se realisa a interpelação do sr. Dr. Alvaro de Castro ao Ministro das Finanças sobre a questão das libras?
- Porque se não diz de uma vez ao país tudo o que ha de imoral no caso das Reparções?

Povo! Pergunta! Pergunta sempre, e insiste por que te respondam, porque tens o direito de sabe-lo

---

## A GRANDE FARÇA!

Está-se discutindo, no Parlamento, a proposta dos Tabacos. As esquerdas republicanas, coerentes com as afirmações da propaganda, são pela

*Liberdade de Industria e Comercio.* O governo pretende, usando das mais vergonhosas e revoltantes cabalas, fazer passar o sistema de *regie* contra a vontade do Povo e da Nação!

Que todos os republicanos estejam atentos ao terminar da farça!

Que o Povo saiba, se teimarem em atropelar a sua vontade e legitimos direitos, transformar em tragedia purificadora a farça amesquinhante!

Atentos, pois!

---



# Para a Revolução!

A proposito das inconcebíveis violencias que o governo actual ~~voua~~ ~~permissão~~ sejam feitas no Barreiro, impeditivas da realização das eleições administrativas, Mayer Garção escreveu na *Capital*, um artigo, justo aviso, prudente aviso, aos republicanos atirados por tais violencias que o mesmo é dizer que a todos os republicanos porque, só quem o não for, não sentirá tais vergonhas e tais atropelos.

O governo do sr. Antonio Maria da Silva, com estes processos, com o roubo das eleições por todo o país, com as perseguições surdas mas constantes, procura, num plano tenebroso construído nas maquinações torvas do seu cerebro de megalomano perigoso, lançar a Esquerda Democratica para o caminho revolucionario.

E procura consegui-lo, fiado no sufocar facil de qualquer ~~tentativa~~ ~~revolucionaria~~ perante a descrença e cansaços populares.

Assim, conseguiria ver realizados dois sonhos: aniquilar ~~uma~~ ~~força~~ ~~politica~~ ~~viva~~ e auxiliar inimigos pessoais que teme.

Mayer Garção grita que não nos devemos lançar para tal caminho. O velho jornalista republicano avisa que, trilhando-o, faremos o jogo do inimigo.

Tem razão, mas só em parte.

\*

Não é em vão, não é como uma flor de retorica ou facil motivo de propaganda, que vimos afirmando que a situação dos republicanos perante a plutocracia e a reacção é, neste momento, identica á do tempo da propaganda.

Os republicanos que propagam a integridade dos principios defendidos outrora pelos comicios e pelas conferências, são acoimados de desordeiros.

Os homens que erguem alto o programa republicano de 81, surgem nos órgãos da plutocracia e em certa imprensa republicana, como bolchevistas, inimigos da sociedade.

Menos se não chamava alguns anos, poucos, antes de 1910, aos homens que, lado a lado com Elias Garcia e Manuel d'Arriaga, andavam pregando o surgir de uma nova e redentora era na vida da nação.

Chamavam-lhes inimigos da sociedade, desviavam-se deles.

Então, como agora, vozes apareceram a gritar contra as revoluções, contra as aventuras e, contudo, a revolução, tentada e gorada varias vezes, surgiu victoriosa duma — porque o não dizer? — audaz e bela aventura que outra cousa não foi o 5 de Outubro.

\*

Sim. Nós dizemos como Mayer Garção: o governo Antonio Maria da Silva quer lançar-nos para o trilho ilegal da violencia contando aniquilar as esquerdas republicanas com o auxilio, na verdade, formidavel do cansaço popular.

Mas gritamos alto, porque assim o sentimos e pensamos, que não devemos hesitar.

Estava a Nação, em todas as suas forças de energia moral e material, decadente com os Braganças?

Estava. Mas não o está menos, antes—ai de nós—o está mais agora, sob o imperio dos bonzos que mais ajudaram, do que impediram, a onda avassaladora e desastrosa das ruinas consequentes da grande guerra.

Quando imperava o Bragança, antes do 5 de Outubro, o Partido Republicano afirmava-se partido de ordem e de governo mas preparava-se, simultaneamente, para dar o golpe, chegado o momento a que poderemos chamar de *saturação* nacional.

O Partido Republicano organisava-se politicamente mas não abandonava a organização revolucionaria como uma necessidade, como uma imperiosa exigencia de Salvação da Patria.

O mesmo devem fazer as esquerdas. Não é o sr. Silva que nos empurra, a nós republicanos esquerdistas, para o caminho da violencia. E' pequeno de mais para orientar fenomenos que só os acontecimentos da vida social podem gerar.

Quem nos empurra para a *Revolução* é o perigo em que está a Patria ameaçada por nacionais e estrangeiros! Quem nos levará á revolta são os erros e os crimes formidaveis de uma fraudagem ladravaz que põe em risco a Republica!

Para a *Revolução* devemos ir. Para a Revolução organizada, preparada e acompanhada pela voz da Nação enojada por tanto crime, por tanto roubo e por tanto latrocínio!